

VIII

ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA
DO SUDOESTE PENINSULAR

ENCUENTRO DE ARQUEOLOGÍA
DEL SUROESTE PENINSULAR

Serpa//Aroche
24, 25 e 26 de outubro de 2014

ÍNDICE

LIVRO COMPLETO

EXTRAS



serpa | terra forte
município



VIII

ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA
DO SUDOESTE PENINSULAR

ENCUENTRO DE ARQUEOLOGÍA
DEL SUROESTE PENINSULAR

Serpa//Aroche
24, 25 e 26 de outubro de 2014



FICHA TÉCNICA

ATAS DO VIII ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR
Serpa-Aroche, 24, 25 e 26 de outubro de 2014

Edição: Câmara Municipal de Serpa

Coordenação Editorial: Samuel Melro - Susana Correia |DRCALEN|

Fotografias Encontro: Câmara Municipal de Serpa-Gabinete de Informação,
Comunicação e Imagem

Fotografias Palavras Prévias: José Baguinho - Susana Correia

Design e produção gráfica: 100 Luz / Weblime

Depósito Legal: 444410/18

ISBN: 978-989-8187-19-2

Tiragem: 1000 exemplares

1ª Edição | Serpa, 2018

A opção pela escrita seguindo ou não as regras do novo acordo ortográfico, nos artigos em português, é da responsabilidade dos seus autores.

APRESENTAÇÃO

É com a maior honra e satisfação que o Município de Serpa, do qual sou representante, foi, em conjunto com o Município de Aroche, responsável pela organização do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular no ano 2014.

Por norma, estes Encontros realizam-se de dois em dois anos, alternando entre Portugal e Espanha. Mas, atendendo ao facto de, em 2013, decorrerem vinte anos sobre a sua primeira edição, foi decidido assinalar esta efeméride com a celebração de duas edições sucessivas, numa organização conjunta entre os municípios de Serpa e Aroche e com sessões em ambos os lados da fronteira. Assim se levaram a efeito, em 2013 – ano em que se cumpriam os 20 anos do Encontro – o VII Encontro e, em 2014, a VIII edição destes importantes seminários científicos que se dedicam à história mais antiga destes nossos territórios.

Na sequência da organização desses Encontros, gostava, igualmente, de deixar aqui o testemunho do meu reconhecimento e agradecimento às suas Comissão Científica e Comissão Organizadora, e a todos os trabalhadores envolvidos na sua concretização, com especial enfoque às arqueólogas Nieves Medina, do Ayuntamiento de Aroche, e Ana Sofia Antunes, da Câmara Municipal de Serpa.

Neste VIII Encontro, que despertou o interesse dos mais de 150 participantes inscritos, foram apresentadas cerca de 80 comunicações e posters, refletindo a realidade e a dinâmica da investigação arqueológica realizada no Sudoeste Peninsular em ambos os lados da fronteira, demonstrando as sinergias existentes entre regiões e países, com particular destaque, na parte portuguesa, para a arqueologia de salvamento que tem vindo a decorrer em resultado da construção da barragem de Alqueva e da rede de rega que lhe está associada.

Esta infraestrutura - um projeto essencial para o desenvolvimento da região Alentejo, que tem na agricultura a sua atividade principal, mas também para o ascendente setor turístico - teve também um efeito muito relevante na área da história, da cultura e da identidade local, através da realização de centenas de trabalhos arqueológicos, os quais permitiram descobrir e relacionar estratos do nosso passado comum desde a pré-história até à idade moderna. Os resultados de muitos destes trabalhos têm sido apresentados nos Encontros do Sudoeste Peninsular, e este não foi exceção, destacando-se, na presente edição, a exposição da peça do touro da Idade do Ferro descoberta em Cinco Reis 8 (Beja).

Estas reuniões têm permitido não só a troca de informações e experiências, mas, inclusivamente, proporcionado a criação e desenvolvimento de projetos comuns, demonstrando que muito mais é o que une os investigadores portugueses e espanhóis do que a fronteira que os separa, é todo um vasto território, o Sudoeste Peninsular, uma Cultura, um Património que estimulam essa partilha.

Estamos certos de que este tipo de eventos ajuda a entender e a sublinhar a importância que a área da Arqueologia, enquanto área técnica e científica, mas também enquanto área interligada com outras matérias tais como a antropologia, a arquitetura, o urbanismo, a geografia, a comunicação e o turismo, entre outras, tem vindo a desempenhar nas políticas estratégicas de desenvolvimento local.

Em Serpa, o setor da Arqueologia, enquadrado no âmbito autárquico e com técnicos a tempo inteiro, é uma área relativamente recente nesta Câmara, constituída apenas há cerca de uma década, isto apesar de, relativamente ao nosso território, já desde a década de oitenta do século XX se realizarem trabalhos científicos neste campo, nomeadamente pelas investigações levadas a cabo, entre outros, pelo Prof. Doutor António Monge Soares, um investigador que é natural do Concelho, de Vila Verde de Ficalho, membro da Comissão Científica deste Encontro e um grande amigo de Serpa, estudioso e divulgador da sua história.

Ainda nesse enquadramento dos primeiros trabalhos arqueológicos sistemáticos sobre o concelho, é de destacar a concretização, nos anos noventa dessa centúria, do projeto da Carta Arqueológica, promovido pela Autarquia, com coordenação científica da Prof.^a Doutora Maria da Conceição Lopes, da Universidade de Coimbra, e da Dr.^a Maria João Vieira, da Câmara Municipal de Serpa.

Posteriormente, a Autarquia, consciente da importância do Património Humano e Edificado da cidade de Serpa (bem como dos núcleos mais antigos das freguesias) criou o Gabinete do

Património, nele integrando várias valências técnicas, de modo a produzir planos orientadores para promover a salvaguarda e a regeneração do Centro Histórico de Serpa. É neste âmbito estratégico que surgem uma série de ações e projetos, tais como a proposta de classificação da área intramuros da cidade de Serpa como Conjunto de Interesse Público (classificação publicada em DR em 2004), a de recuperação do sistema construtivo das Muralhas e do Caminho de Ronda e a requalificação do Museu Municipal de Arqueologia (com implicações na museografia, na conservação e restauro das peças a expor, e na criação de um espaço para as reservas). Este projeto teve a colaboração da Direção Regional da Cultura do Alentejo, do então designado Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (atual DGPC), e do Museu Nacional de Arqueologia/Rede Portuguesa de Museus, através de protocolo estabelecido entre estas entidades e a Câmara Municipal de Serpa.

A concretização destes projetos implicou a necessidade de trabalhos arqueológicos que nos permitem (re)conhecer melhor a evolução da cidade e do território envolvente, e os seus resultados científicos têm sido apresentados pela Câmara Municipal de Serpa através da Dr.^a Ana Sofia Antunes precisamente nos Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, desde a sua V edição. Mais uma vez este ano não é exceção, com a apresentação de um poster relativo a alguns achados de época romana surgidos no decurso dos trabalhos na Rua da Barbacã, para além de outros dois artigos sobre a intervenção arqueológica realizada por uma empresa da especialidade no Castelo de Serpa e num edifício da Rua da Barbacã.

Faz ainda parte da estratégia de desenvolvimento sustentável para o concelho de Serpa que esta autarquia preconiza, no âmbito da salvaguarda e divulgação do seu património cultural, e de um turismo científico que se pretende reforçar, a musealização, nos próximos anos, de alguns sítios arqueológicos, de modo a constituir e potenciar a rede museológica do concelho de Serpa, espoletando dinâmicas quer entre eles, quer com os territórios envolventes do Alentejo, Algarve e transfronteiriços da Andaluzia e Extremadura Espanhola.

Este tipo de eventos - como o VII e VIII Encontros de Arqueologia – é, por isso, entendido como uma mais-valia para a Autarquia, como momentos que lhe permitem apresentar e divulgar o seu território e os seus recursos, neste caso arqueológicos, publicitar os seus trabalhos científicos e conhecer os de outros, fortalecer e estabelecer ligações com outras organizações, quer com as suas congéneres autárquicas, quer com outras de âmbito diverso.

As Atas do VIII Encontro, que agora são editadas, refletem esta realidade, através da cerca de meia centena de trabalhos publicados, versando não só a investigação arqueológica como outras áreas complementares, como a gestão, conservação e valorização patrimonial.

Uma última palavra para expressar o meu mais sincero desejo de que os trabalhos e as conclusões deste Encontro tenham sido proveitosos não só para estes territórios mas para a comunidade científica presente, técnicos e demais pessoas envolvidas nos trabalhos, e que estes possam integrar, de forma construtiva, solidária, coletiva e atual, as políticas locais e regionais em prol da salvaguarda, da divulgação e da integração do Património Cultural nas nossas vidas públicas.

A todos, muito obrigado.

Serpa, 24 de outubro de 2014

O Presidente da Câmara Municipal de Serpa

Tomé Alexandre Martins Pires

PALAVRAS PRÉVIAS

nós somos do sul
longa falésia ardente
correndo ao longo do mar.
terra
onde as cigarras vivem
no coração das laranjas
onde o corpo se espreguiça
sobre as ondulações do trigo
onde o som da flauta
acompanha o veio do vinho
até à secura do pão
onde a água brota
do silêncio tombado
das estátuas
onde as colunas brancas assistem
à limpidez do ar.
somos do sul
de onde partem barcos
velas que se erguem acima das casas
entre sugestões de aves
e a brisa de África
onde o azul começa enorme
das esquinas da sombra
e o barro dos rostos aflora
contra a cal dos muros.
sul, grande cintilação parada
no horizonte da nossa memória

Vítor Oliveira Jorge
Os Ardis da Imagem



A publicação das Atas do *VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, realizado em Serpa e Aroche em 24, 25 e 26 de outubro de 2014, vem culminar a comemoração, realizada nos anos de 2013 e 2014, do vigésimo aniversário destes Encontros. Aqui se publica um conjunto de 58 comunicações abrangendo um vasto leque temático e cronológico, organizadas com a seguinte distribuição, que privilegiou, como vem sendo habitual e sempre que tal foi possível, o seu enquadramento cronológico:

Pré-História (Epipaleolítico, Neolítico, Calcolítico, Bronze) – 19

Idade do Ferro – 5

Romano, Antiguidade Tardia – 17

Medieval, Modeno, Contemporâneo – 14

Vária – 3

Vinte anos e nove *Encontros* já efetuados, no momento em que escrevemos, e com o X Encontro já agendado para Zafrá para o ano de 2018, demonstram bem a sua importância, porque nenhuma iniciativa deste tipo manteria a sua dinâmica e vitalidade se o seu interesse e utilidade não fossem reconhecidos, em primeiro lugar e antes de tudo, pelos que nela têm vindo a participar.

Tal como Andrea Martins refere no seu artigo publicado nestas Atas, "...é nesta difusão que se insere o papel fundamental dos *Encontros do SO Peninsular*, que, edição após edição (com periodicidade variável) possibilitaram a toda esta nova geração de arqueólogos a hipótese de apresentar e divulgar à comunidade científica os trabalhos por si realizados. Por esta razão, estes Encontros são maioritariamente de jovens arqueólogos (sendo que ao longo de 20 anos alguns foram perdendo esta característica...), que encontraram um espaço de discussão de acesso livre, sem entraves burocrático-científicos, onde o debate dos resultados pode ser feito sem constrangimentos de qualquer ordem". Um espaço aberto, portanto, a novos – e não tão novos – investigadores, um espaço de informação e troca de experiências, um espaço de temática aberta, desde primeiras notícias sobre trabalhos realizados ou mesmo ainda em curso até estudos específicos sobre os mais diversos assuntos, com a garantia de publicação das comunicações e posters apresentados.

Esta tem sido a filosofia que tem presidido a estes *Encontros*, e as 9 edições já registadas provam, do nosso ponto de vista, o seu acerto. Sempre centrados numa região – **o Sudoeste Peninsular** – cuja abrangência territorial se centra na Extremadura, Andalúcia, Alentejo e Algarve, mas, como se tem vindo a demonstrar ao longo das várias edições, sem complexos em ultrapassar estes limites, sempre que as diversas Comissões Científicas e Organizadoras o entenderam pertinente, como nestas próprias Atas é patente com a publicação de artigos que alargam este marco geográfico a regiões vizinhas com afinidades comprovadas, como, por exemplo, a Beira Baixa ou Marrocos (num critério inclusivo que corresponde, neste último caso, a uma adoção lata do conceito do *Círculo do Estreito* – e não é, na verdade, o Mediterrâneo um mar que nos une mais do que nos separa?), ou mesmo a regiões mais longínquas desde que a temática vise demonstrar ligações ao mundo mediterrânico ou ao Sul.

Num mundo em que o contacto virtual adquire cada vez maior importância – e sem desvalorizar de nenhum modo os aspetos positivos desta nova realidade – os Encontros continuam, a nosso ver, a ter o seu lugar, constituindo um fórum de apresentação e debate presencial de resultados e ideias, ultrapassando fronteiras políticas e administrativas e permitindo o desenvolvimento de projetos comuns, vários deles transfronteiriços e alguns "nascidos" nestes mesmos Encontros, numa ótica de partilha do conhecimento que constitui – ou deverá sempre constituir – a razão de ser de qualquer investigação.

Muitos protagonistas – individuais e coletivos – têm contribuído para o sucesso deste projeto, e cremos que Juan Aurélio Pérez Macías refere quase todos nas suas *Reflexiones en un Aniversario* que aqui se publicam. Cremos, porém, que uma particular referência deve e tem de ser feita ao papel que as autarquias – Câmaras Municipais e Ayuntamientos (no caso presente, os de Serpa e Aroche) – têm desempenhado enquanto garante e suporte logístico da maioria dos Encontros: sem o seu apoio e empenhamento, todo este percurso teria sido bem mais difícil.

Comissão Científica VIII Encontro

Alfredo Mederos Martín / Universidad Autónoma de Madrid

António Monge Soares / C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Inês Vaz Pinto / CEAACP - Troiaresort

Javier Jiménez Ávila / Junta de Extremadura (*à data do VIII Encontro*)

Mariana Diniz / UNIARQ - Universidade de Lisboa

Virgílio Lopes / Campo Arqueológico de Mértola

Comissão Organizadora VIII Encontro

Ana Sofia Antunes / Câmara Municipal de Serpa (*à data do VIII Encontro*)

Juan Aurelio Pérez Macías / Universidad de Huelva

Macarena Bustamante Álvarez / Instituto de Arqueología - Mérida (CSIC) (*à data do VIII Encontro*)

Nieves Medina Rosales / Ayuntamiento de Aroche

Samuel Melro / Direção Regional de Cultura do Alentejo

Susana Correia / Direção Regional de Cultura do Alentejo

Comissão Permanente dos Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular

Javier Jiménez Ávila / Junta de Extremadura

Juan Aurelio Pérez Macías / Universidad de Huelva

Macarena Bustamante Álvarez / Universidad Autónoma de Madrid

Manuela de Deus / Direção Regional de Cultura do Alentejo

Samuel Melro / Direção Regional de Cultura do Alentejo

Susana Correia / Direção Regional de Cultura do Alentejo

Samuel Melro

Susana Correia

ENCUENTROS DE ARQUEOLOGÍA DEL SUROESTE. REFLEXIONES EN UN ANIVERSARIO

Haber celebrado en Aroche y Serpa la conmemoración de una efeméride de cumpleaños, es motivo de satisfacción para quienes como yo estuvimos en la gestación de este proyecto, que en aquel año de 1993 nunca pensamos que llegaría a la novena edición.

Pero más allá de esta pequeña congratulación, y de otros pormenores emotivos que tuve ocasión de recordar en la presentación que hicimos en Vila Verde de Ficalho, creo que he de centrarme en explicar otras cuestiones relacionadas con la génesis de estos Encuentros/Encontros y con los logros alcanzados a lo largo de estos años. Y como somos animales políticos, hemos de reconocer antes que nada que las cosas no surgen porque sí, que tienen unos tiempos y unas causas. A nadie se le escapa que durante mucho tiempo vivíamos de espaldas unos a otros porque interesaba que así fuera. Por fortuna, provengo de un lugar en el que nuestros vecinos más próximos son los portugueses y quizás esto ha hecho que mi mirada esté sesgada por compartir paisaje, ya que esto trae otro nivel de relaciones, económicas, de socorro mutuo cuando hay problemas (¡Abençoados Bombeiros Voluntários!), etc. Pero sin distraerme en estas cuestiones personales, esa incompreensión mutua fue cambiando lentamente desde la Revolución de los Claveles en Portugal y desde la Restauración Democrática en España - II Restauración Borbónica dicen otros con toda la razón -, y en especial desde que estuvimos bajo las mismas reglas de la Comunidad Económica Europea. Vamos superando poco a poco el nacionalismo, y optamos por ese resbaladizo término de ibérico, que solo es útil para eludir otros, endemoniados a lo largo de los siglos, pero de mayor peso histórico.

A pesar de estas incompreensiones recíprocas, la arqueología ha sido una disciplina que ha dulcificado siempre las diferencias y ha favorecido el acercamiento, ineludible cuando tenemos que enfrentarnos a problemas de la Prehistoria, la Antigüedad y la Edad Media, en las que a pesar de las divisiones provinciales o los denominados círculos culturales, la economía y la política eran lazos suficientemente poderosos para amarrar nuestras relaciones.

Por este motivo era más fácil que se pudieran organizar Encuentros de investigadores de ambos países, para presentar o discutir cuestiones arqueológicas e históricas que a todos nos conciernen. No hemos sido los primeros desde luego, antes que nosotros ya se mantenían esos contactos, a veces investigadores portugueses participaban en los Congresos Nacionales de Arqueología españoles, o arqueólogos españoles escribían en revistas científicas portuguesas, y se tejían amistades, como la de Abel Viana y Antonio García Bellido, pero eran contactos singulares que sin duda han servido para que entendamos que existe historia antes de Alfonso Enríquez y Alfonso VII, y que incluso después de esa fecha hay rasgos que ya se habían manifestado anteriormente. Había leído en varias ocasiones que la conquista portuguesa de Extremadura y Alentejo se calificaba siempre como una gran hazaña de un pequeño reino, pero de comportamiento muy agresivo. No sé de dónde había salido esa concepción, pero ahora que ando en la lectura de Ambrosio Huici Miranda y de su *Historia Política del Imperio Almohade* (reimp. Granada, 2000), esa calificación se repite constantemente. Desconozco si fue él el autor de ese retrato, pero no me extraña que acuñara ese relato, ya que es en ese momento en el que se produjo el espectacular avance portugués con figuras tan carismáticas como Alfonso Enríquez y Gerardo Geráldez (Sempavor), que batieron armas con el poderoso imperio almohade y provocaron la muerte de Yusuf I durante el cerco de Santarém. Huici Miranda hacía historia de la guerra y quedó fascinado por ese ímpetu guerrero. Nada nuevo si pensamos que otro lusitano mantuvo en jaque a toda una potencia militar como Roma. Cuando no se hallan contaminadas por el veneno del nacionalismo, la historia y la arqueología permiten lecturas de más largo recorrido, de reconocimiento de singularidades y de comunidades, y creo que ya estamos en esa fase. Somos un grupo de amigos que nos reunimos cada dos años.

Los Encuentros de Arqueología del Suroeste nacieron pues en unas circunstancias muy precisas, en un ambiente histórico en el que lo natural es que se dieran los primeros pasos para que ese encuentro tenga continuidad. Pero por sus propias características, no habríamos llegado a donde nos encontramos si ese encuentro hubiera sido responsabilidad del mundo universitario. Bien es verdad que la Universidad jugó un papel fundamental en su nacimiento, pero debo advertir que lo hizo con la inestimable ayuda del Campo Arqueológico de Mértola, una entidad privada de investigación. Creo sinceramente que ha sido esta apertura de los Encuentros a la investigación que se realiza fuera del círculo universitario lo que más ha contribuido a que hayamos llegado a este punto. La respuesta universitaria es ciertamente escasa, y en ello asumo que tiene mucho que ver el formato de edición, poco apropiado para el sobrejeo de algunos de mis colegas, y sobre todo por la presión que están ejerciendo sobre la Universidad los Sistemas de Calidad, con su baremo de las publicaciones y los Ridículos Índices de Impacto, que con el perfil de congreso de los Encuentros los nos deja a la cola de

las puntuaciones. Resulta totalmente paradójico, y chocante, que estos sistemas de calidad defiendan la Investigación más Desarrollo y concedan tan poca importancia a la socialización del conocimiento entre quienes menos posibilidades tienen de tener acceso a él. No entiendo cómo se nos incluye a las ciencias sociales en los criterios de las políticas de desarrollo, ni admitiendo aun que la cultura sea objeto de mercado. En resumidas cuentas, no podemos achacar esta falta de presencia universitaria en los Encuentros a los universitarios, intervienen otros factores que necesitan más espacio para su explicación. No obstante, Macarena Bustamante y yo hacemos lo que podemos, pero por los resultados se ve que no es suficiente.

Hoy día la arqueología ha pasado de las aulas, de los departamentos e institutos de investigación universitarios al mundo profesional, y los Encuentros han hallado una poderosa aliada en la arqueología que realizan empresas, cooperativas y arqueólogos autónomos. La burbuja económica que trajo el aumento del bienestar se trasladó a la arqueología y al patrimonio, y la socialización de nuestro acervo cultural ha terminado favoreciendo un panorama en el que la defensa del patrimonio histórico y natural es hoy una exigencia social. Ha sido corriente que tanto en obras privadas como en públicas se contemplen partidas presupuestarias para la investigación o la puesta en valor del patrimonio que podía estar afectado por las mismas. Sobran ejemplos en Portugal y en España, en paralelo a lo que sucede en otros países europeos donde tuvieron origen estas políticas culturales. Valgan como muestra el Proyecto del Barragem de Alqueva o los distintos proyectos de Alta Velocidad Española.

Esto ha permitido que la arqueología se convirtiera también en una salida profesional, laboral o empresarial. Y este mundo de la arqueología de salvamento, bien relacionada en ocasiones con los grupos de investigación universitarios, ha necesitado de medios de publicación que no en todas las ocasiones encuentran salida en las series y revistas universitarias. La mayor parte de las contribuciones en los Encuentros del Suroeste se deben a la actividad de esta arqueología profesional, aunque lógicamente también ha participado la investigación universitaria, pero no a la altura que todos deseáramos. Nuestros medios son escasos, y aunque la Universidad participa en los Comités Científicos, probablemente no encuentra suficiente brillo en una participación más directa.

Nuestra modesta organización fue, no obstante, una apuesta desde el principio. En este sentido puede decirse que los Encuentros del Suroeste nacieron también desde la órbita municipal, desde las Câmaras y los Ayuntamientos. Así sucedió ya desde el primero organizado en Niebla y ha continuado en ediciones sucesivas hasta el último de Serpa. No deja de ser curioso que cuando un Encuentro se organizó solo desde el ámbito universitario, el II de Faro, se retrasara la publicación y los Encuentros estuvieran durmiendo durante muchos años, hasta que comenzamos la segunda época en Aljustrel. Fue aquí en Aljustrel donde hicimos una buena reflexión y donde se trazaron las líneas maestras de lo que hoy son los Encuentros del Suroeste. En primer lugar, volviendo a los municipios, y en segundo asumiendo las limitaciones presupuestarias, es decir estableciendo una organización sencilla, sin oropeles y grandes fastos, apegada a la realidad, y una publicación en digital que ahorra costosas ediciones que los Ayuntamientos y Câmaras no pueden costear. A mi juicio, esta determinación, sobre la que discutimos mucho, fue acertada, aunque no deja de entrañar riesgos, como más adelante comentaré con más detalle. Esto ha sido posible gracias a que la política municipal ha aceptado también su deber en la protección del patrimonio arqueológico, en Portugal más que en España, alimentado por un sano nacionalismo sobre la cultura portuguesa y sus valores históricos. Contemplado desde otra perspectiva, puede establecerse asimismo que los Encuentros del Suroeste han sido el vehículo ideal para que los municipios puedan mostrar los aciertos de su política patrimonial o la labor de los museos municipales en unos presupuestos al alcance de sus capacidades económicas, sin dispendios innecesarios. Debemos sentirnos, por tanto, orgullosos de haber contribuido a que de la mano de los municipios el concepto de patrimonio arqueológico llegue a nuestros pueblos, donde en su mayor parte la vida gira en torno ciclos culturales y festivos tradicionales. Cuando llevamos la defensa del patrimonio arqueológico a la escala local estamos contribuyendo a que ese mundo rural tome consciencia del mismo. Así superamos la contradicción y favorecemos el desarrollo. La labor de Ayuntamientos y Câmaras ha sido pues fundamental, y ello ha sido posible gracias a los compañeros que trabajan en este ámbito, que han contribuido a que la política municipal se dirija también a esta parcela del patrimonio histórico en general y arqueológico en particular. Tengo que mencionarlos a todos, comenzando por Miguel Rego, y continuando con Artur Martins, Eduardo Romero Bomba, Miriam García Cabezas, Nieves Medina Rosales, y Ana Sofia Antunes.

Como tampoco se trata de morir de éxito, quisiera apuntar también otras cuestiones que considero del máximo interés para que podamos seguir avanzando en la consolidación de los Encuentros. Son observaciones que se hacen al hilo de la experiencia acumulada en estos años.

La primera de ellas es la necesidad de involucrar a las administraciones españolas, andaluzas y extremeñas en nuestro caso, que tienen competencia en materia de patrimonio arqueológico. No se trata de un descuido, esas ausencias vienen dadas porque desde la parte española nos hemos preocupado por asegurar la continuidad y hemos contactado más con los Ayuntamientos. En un futuro sería deseable que la Junta de Extremadura y la Junta de Andalucía tengan cabida en la organización, pues no se trata en ningún caso de que se hayan negado a participar, simplemente no hemos tenido el tino y el acierto de explicarles el proyecto y el camino andado. Los esfuerzos de Javier Jiménez Ávila para implicar a la Junta de Extremadura en el Encuentro de Villafranca de los Barros debe ser nuestro

referente. No ha ocurrido así por la parte portuguesa, ya que los servicios regionales de arqueología han estado presentes en todo momento, y la colaboración de Manuela de Deus, Susana Correia y Samuel Melro es esencial en la organización. La meta que debemos proponernos es además una aspiración de los gobiernos europeos, y se manifiesta en los distintos programas transfronterizos que se han sucedido en los últimos años. En esa dirección, la conjunción y la unión de fuerzas debería ser fácil porque la interlocución está marcada en otros campos de la cultura. Nuestros modelos son distintos, y deberíamos ser capaces de enriquecerlos a partir de estas relaciones. No partimos de cero, ya contamos con algunos proyectos que han mostrado las oportunidades que genera el patrimonio cultural en nuestra tierra. La apuesta decidida del Campo Arqueológico de Mértola en su proyecto de *Mértola Vila Museu* es para todos nosotros un ejemplo a seguir, pues una pequeña ciudad alentejana ha sabido sacar partido de su patrimonio y generar unos réditos culturales, económicos y sociales que no eran de esperar. Ni que decir tiene que detrás está un duro y continuado trabajo de Cláudio Torres, Susana Gómez, Virgílio Lopes, y Santiago Macias, quienes siempre nos han mostrado su apoyo desde la primera edición. En definitiva, soy consciente que desde el primer momento nuestra actitud no fue la de institucionalizar los Encuentros, pero eso no debe significar que las administraciones regionales y autonómicas aporten también su propio bagaje, que en determinados aspectos es más rico que el nuestro, más apegado a las unidades estratigráficas y a las tipologías de los materiales arqueológicos. Si somos capaces de aunar en los Encuentros la investigación de profesionales, empresas y equipos e investigación de las universidades con la política patrimonial que se lleva a cabo desde las Câmaras y Ayuntamientos y los organismos regionales, se enriquecerá el aporte de estos Encuentros, aunque a veces nuestros puntos de vista no coincidan.

Existe un apartado más importante, el que tiene que ver con la forma de edición de las Actas. En los dos primeros Encuentros optamos por la publicación en papel. Las formas de impresión en aquellos años no permitían otra fórmula, y ya he señalado antes que esto fue una rémora para los Encuentros, ya que los costes de publicación sobrepasaban nuestras posibilidades, y la tarea de buscar financiación a veces no es fácil y rápida. Cuando retomamos los Encuentros en Aljustrel sabíamos que ni la Câmara Municipal de Aljustrel ni la recaudación por el cobro de las inscripciones cubría los gastos de una edición en papel, máxime cuando la participación alcanza en casi todas las ocasiones más de mil páginas. Hubiéramos podido hacer una edición en papel, y de hecho esa posibilidad estuvo en las reflexiones y en las propuestas. Pero finalmente decidimos que la publicación estaba asegurada en un formato digital. Esta fórmula ofrece además otras ventajas, la libertad de extensión, y sobre todo el uso del color sin ningún tipo de restricción, y esto, todos lo sabemos, a veces es enteramente necesario por las facilidades de lectura de los estratos y decoraciones en los materiales arqueológicos. Esta decisión ha sido, sin duda alguna, la que ha permitido que los Encuentros continúen. Los menores costes, la rapidez de la publicación y el uso del color nos ha permitido cumplir los plazos y las expectativas, y los trabajos presentados no pierden actualidad, se publican como el cualquier revista, en menos de dos años. Es más, la periodicidad de los Encuentros depende de ello, y las Actas siempre se han presentado hasta ahora durante la celebración del siguiente.

Sin embargo, lo que ha sido una ventaja puede convertirse con el tiempo en un problema. Hemos visto como los sistemas de almacenamiento de datos han evolucionado tan deprisa que ya no recordamos lo sistemas utilizados hace apenas diez años. Nuestro sistema de publicación en discos compactos tiene ya señalada su fecha de caducidad. Este inconveniente podemos solucionarlo de cara al futuro, pero pienso que debemos ser fieles a nuestra memoria, y debemos salvar también las ediciones que ya están a disposición de los lectores. Dentro de muy poco tiempo los ordenadores personales no tendrán incorporado lectores de Cd y no será posible tener acceso a la abundante información que han generado los Encuentros. Hay que adecuar nuestro sistema de publicación digital a la marcha de los tiempos, para salvaguardar el enorme esfuerzo económico que han hecho las Câmaras y Ayuntamientos en la publicación de las Actas. Soy de la opinión de no ir cambiando cada cierto tiempo el formato, y decidir en la selección de uno que garantice el acceso gratuito a la información y la perdurabilidad de la misma. Y esto solo podemos conseguirlo a través de una plataforma digital. De esta forma se irá generando un cuerpo de datos, el de de todos los Encuentros, a disposición de los investigadores y gestores del patrimonio arqueológico, una filosofía en la que todos los que estamos involucrados en la organización de los Encuentros estamos de acuerdo.

No he pretendido marcar una senda con estas reflexiones, tan solo señalar que hemos de tener conciencia de que la celebración del VIII Encuentro en Serpa y los 20 años transcurridos desde la primera edición, obligan a que administremos una herencia que nos llega sin impuestos, y nos vayamos acomodando a las nuevas realidades. Se han recibido ofertas para nuevas sedes en años venideros, pero el éxito no está asegurado sino somos capaces de ir mejorando todos estos aspectos en cada una de las convocatorias futuras.

Juan Aurelio Pérez Macias.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 3 |
| Tomé Pires, Presidente da CM de Serpa | |
| PALAVRAS PRÉVIAS | 5 |
| Samuel Melro, Susana Correia | |
| ENCUENTROS DE ARQUEOLOGÍA DEL SUROESTE. REFLEXIONES EN UN ANIVERSARIO | 8 |
| Juan Aurelio Perez Macías | |
| PRÉ-HISTÓRIA | |
| EPIPALEOLÍTICO – NEOLÍTICO – CALCOLÍTICO - BRONZE | |
| Os primeiros níveis da sequência estratigráfica de Porto de Moura 2 (Pedrógão, Vidigueira) | 21 |
| Nelson Vale, Sérgio Gomes, Lídia Baptista, Rodry Mendonça | |
| A Anta dos Pardais 4 (Cabeção, Mora): Novos dados arqueológicos sobre o megalitismo de Mora | 35 |
| Leonor Rocha | |
| O “Menir” dos Sete (Monforte): Dados arqueológicos | 47 |
| Leonor Rocha, Paula Morgado | |
| O “dólmen furado” da Candieira (Redondo): Novas investigações no séc. 21 | 53 |
| Rui Boaventura, Rui Mataloto, Patrícia Moita, Jorge Pedro, André Pereira | |
| Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis | 73 |
| Ana Cristina Ribeiro | |

| | |
|---|-----|
| Ídolos e idolíformes cerâmicos dos povoados do 4^o/3^o milénio a.n.e. de S. Pedro (Redondo) – contributo para o estudo de uma ritualidade fugidia... | 95 |
| Catarina Costeira, Rui Mataloto | |
| “Foliáceos ovóides” e “grandes pontas bifaciais” nos povoados de S. Pedro (Redondo) | 119 |
| Diana Nukushina, Rui Mataloto, Catarina Costeira, Marina de Araújo Igreja | |
| Ocupação calcolítica da costa alentejana: Nova intervenção junto à ETAR de Vila Nova de Milfontes (Odemira) | 137 |
| António Carlos Valera, Jorge Parreira | |
| Sobre a presença de materiais calcolíticos no povoado do Outeiro do Circo (Beja) | 153 |
| Miguel Serra, Eduardo Porfírio, Sofia Silva, Sofia Soares, Helena Reis | |
| Avance de resultados de la petrografía cerámica de foso 1 (Complejo Arqueológico de Perdigões - Portugal). Una propuesta tipológica | 175 |
| José L. Caro, José M. Compañía, José Suárez-Padilla | |
| As Lâminas de Ouro do Túmulo 2 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) | 187 |
| António M. Monge Soares, Pedro Valério, Luis Cerqueira Alves, António Carlos Valera | |
| Quotidianos em osso: Algumas notas à utensilagem óssea dos contextos neolíticos dos Perdigões | 201 |
| Patrícia Castanheira, Nélon Cabaço | |
| Bases para el estudio de las cuentas de collar de color verde de la Prehistoria Reciente del Suroeste Peninsular | 211 |
| Laura Pérez Oliva | |
| La Necrópolis Prehistórica de Los Algarbes (Tarifa, Cádiz). Una aproximación a los rituales funerários | 225 |
| Vicente Castañeda Fernández, Yolanda Costela Muñoz, Iván García Jiménez, Juan Valentín Fernández de la Gala, Fernando Prados Martínez, Maria de los Ángeles Pérez de Diego | |
| Algumas achegas para o conhecimento do Bronze do Sudoeste na área da freguesia de Alfundão (Ferreira do Alentejo, Beja) | 237 |
| Bruno M. Magalhães, César Neves, António M. Monge Soares | |

La reutilización de estructuras megalíticas durante el II Milenio ANE en el Suroeste de la Península Ibérica _____ 249
Yolanda Costela Muñoz

Os Hipogeus Funerários do Bronze Final do Sudoeste do Monte da Ramada 1 (Ervidel, Aljustrel). Estudo preliminar _____ 265
Lídia Baptista, António M. Monge Soares, Zélia Rodrigues, Nelson Vale, Rui Pinheiro, Sandrine Fernandes, Pedro Valério

Mesa-Redonda Arqueologia no Sudoeste Peninsular - Um balanço dos últimos 20 anos: 20 anos de arte rupestre no Sudoeste de Portugal: um percurso com alguma água à mistura _____ 289
Andrea Martins

Mesa-Redonda Arqueologia no Sudoeste Peninsular - Um balanço dos últimos 20 anos: O princípio do Neolítico no Sudoeste Peninsular (Portugal): uma leitura (breve) dos últimos 20 anos _____ 315
Mariana Diniz, César Neves

IDADE DO FERRO

Accesibilidad y visibilidad en los complejos monumentales del Guadiana Medio: Los casos de La Mata (Campanario) y Cancho Roano (Zalamea de la Serena) _____ 355
José María Murillo González

Novedades en torno a la cerámica griega de Extremadura _____ 381
Javier Jiménez Ávila

Materiais cerâmicos pré-romanos provenientes do claustro do Convento de Nossa Senhora da Graça (Tavira) _____ 409
Jaquelina Covaneiro, Sandra Cavaco

La imposición de la diosa Tanit _____ 427
Mercedes de Caso Bernal

Mesa-Redonda Arqueologia no Sudoeste Peninsular - Um balanço dos últimos 20 anos:

Los estudios protohistóricos en el Suroeste de la Península Ibérica (1993-2013) ————— 447

Javier Jiménez Ávila

ROMANO ANTIGUIDADE TARDIA

Ánforas de la excavación de la Biblioteca Municipal de Mértola de 2010 ————— 463

Vicente Doblas Peguero

Joyas de vidrio de época romana procedentes de *Augusta Emerita* y su territorio ————— 483

Javier Alonso, Sara Maldonado

El poblamiento romano en la margen derecha de la desembocadura del río Odiel, El Caño del Fraile (Aljaraque-Gibraleón, Huelva) ————— 509

Pedro Campos Jara, Juan Aurelio Pérez Macías

Nuevos datos sobre el poblamiento rural romano en el territorio de Medellín: Primeros resultados del yacimiento Las Arenas (Medellín, Badajoz) ————— 531

Primitivo J. Sanabria, Macarena Bustamante

Tamuda flumen castellumque. El río Martil como motor del territorio de Tamuda ————— 553

Manuel J. Parodi Álvarez, Mustapha Ghottes

El santuario de Santa Bárbara de Padrões al comienzo de la implantación romana en el Baixo-Alentejo ————— 573

Javier Heras, Manuel Maia

A zona Norte do Santuário Campestre de *Arannis* ————— 587

Manuel Maia

| | |
|---|------------|
| The Roman hilltop site of Ul _____ | 593 |
| Adriaan De Man, João Tiago Tavares | |
| Um later «ex of(ficina) Vincinti» da Rua da Barbacã 29-33 (Serpa) _____ | 597 |
| Ana Sofia Antunes | |
| A topografia de Mértola na Antiguidade Tardia: O Arrabalde Ribeirinho de Mértola _____ | 607 |
| Virgílio Lopes | |
| A Necrópole Paleocristã do Eixo Comercial de Mértola – Arqueologia Funerária _____ | 615 |
| Clara Rodrigues, Nélia Romba, Maria de Fátima Palma, Rute Fortuna, Virgílio Lopes | |
| Topografía y forma urbis de Idanha-a-Velha en épocas romana y tardoantigua _____ | 623 |
| Isabel María Sánchez Ramos, Jorge Morín de Pablos | |
| El episcopio de Egitania. Campaña de excavación 2014 en el Paço dos Bispos de Idanha-a-Velha (Portugal) _____ | 635 |
| Isabel María Sánchez Ramos, Jorge Morín de Pablos | |
| Nuevos recursos metodológicos para el estudio de la topografía urbana de la antigua <i>ciuitas igaeditanorum</i> (Idanha-a-Velha, Portugal) _____ | 645 |
| Manuel Sánchez de la Orden, Francisco Javier Mesas Carrascosa, Isabel María Sánchez Ramos, Jorge Morín de Pablos | |
| Resultados del estudio arqueozoológico de la campaña de excavación 2014 de Idanha-a-Velha (Portugal) _____ | 653 |
| José Yravedra Sainz de los Terreros, Verónica Estaca Gómez, Jorge Morín de Pablos, Isabel María Sánchez Ramos | |
| Resultados del análisis palinológico de Campaña de Excavación 2014 de Idanha-a-Velha (Portugal) _____ | 659 |
| Manuel Casas Gallego, Jorge Morín de Pablos, Isabel María Sánchez Ramos | |
| Mesa-Redonda Arqueologia no Sudoeste Peninsular - Um balanço dos últimos 20 anos: Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular - 1994-2014. Contributos para o avanço da investigação do período romano nos últimos 20 anos _____ | 665 |
| Inês Vaz Pinto | |

MEDIEVAL MODERNO CONTEMPORÂNEO

- Vinte anos de cerâmica islâmica do *Gharb al-Andalus*: Ensaio crono-tipológico das formas abertas (II)** _____ 685
Catarina Coelho, Marco Liberato, Ana Sofia Gomes, Jacinta Bugalhão, Helena Catarino, Sandra Cavaco, Jaquelina Covaneiro, Isabel Cristina Fernandes, Susana Gómez Martínez, Maria José Gonçalves, Isabel Inácio, Constança dos Santos
- Estudo arqueofaunístico dos silos islâmicos do Castelo de Salir (Loulé). Contribuição para o conhecimento da dieta alimentar islâmica** _____ 697
Soraia Martins
- Idanha-a-Velha y su territorio en época andalusí (Proyecto IdaVe)** _____ 713
Antonio Malalana Ureña, Isabel Sánchez, Jorge Morín
- La cerámica andalusí de Idanha-a-Velha (Portugal)** _____ 741
Fernando Sánchez Hidalgo, Diego Sanabria Murillo, Jorge Morín de Pablos, Isabel María Sánchez Ramos
- La Poliorcética Medieval en la Raya: La Banda Gallega versus la Banda Lusitana** _____ 749
Eduardo Romero Bomba, Timoteo Rivera Jimenez, Omar Romero de la Osa Fernández
- Estados señoriales y tipología de las fortificaciones bajomedievales del entorno pacense** _____ 761
Juan José Sánchez González
- Investigación, conservación y puesta en valor de la muralla de Aroche (Huelva) 2007-2014** _____ 777
Nieves Medina Rosales
- Dinheiros, ceitis, reais e réis. Evidência monetária do Claustro do Convento da Graça (Tavira)** _____ 795
Sandra Cavaco, Jaquelina Covaneiro

| | |
|---|-----|
| Quando nem tudo o que parece é. Estratigrafia e materiais arqueológicos do Claustro do Convento da Graça (Tavira) | 821 |
| Sandra Cavaco, Jaquelina Covaneiro | |
| Leitura diacrónica da evolução estrutural do Castelo de Serpa. Como foi, como é e como poderia ter sido | 849 |
| João Nunes | |
| Segredos guardados pelas paredes e abóbadas dos nºs 29-33 da Rua da Barbacã, Serpa. Abordagem histórico-culturalista ao acompanhamento arqueológico de uma demolição | 871 |
| João Nunes | |
| Memórias materiais da pena de morte no Alentejo | 887 |
| Jorge de Oliveira | |
| Os espaços funerários de Mértola ao longo dos tempos | 901 |
| Clara Rodrigues, Nélia Romba, Maria de Fátima Palma | |
| Mesa-Redonda Arqueologia no Sudoeste Peninsular. Um balanço dos últimos 20 anos – Antiguidade Tardia e Época Medieval | 907 |
| Virgílio Lopes, Susana Gómez | |

VÁRIA

| | |
|---|-----|
| Arqueología en el entorno de La Rábida (Palos de la Frontera, Huelva) | 931 |
| Juan Aurelio Pérez Macías, Diego González Batanero, Manuel Javier Rodríguez Martín | |
| Carta Arqueológica Preditiva da área ardida em 2012 na Freguesia do Cachopo (Tavira) | 945 |
| Eliana Goufa, Francisco R. Correia | |
| Gestión Municipal del Patrimonio Histórico Arqueológico de Aroche: 10 años de desarrollo del Proyecto Patrimonio (2004-2014) | 957 |
| Nieves Medina Rosales | |

A ANTA DOS PARDAIS 4 (CABEÇÃO, MORA) novos dados arqueológicos sobre o megalitismo de Mora

Leonor ROCHA

Docente/Investigadora

Universidade Évora

Escola Ciências Sociais/ CHAIA

Resumo:

Os trabalhos realizados na anta dos Pardais 4 (Cabeção, Mora), enquadram-se na investigação que a signatária tem vindo a desenvolver sobre os contextos funerários alentejanos desde 1994 e tem por objetivo estudar os monumentos megalíticos, numa leitura integrada, que considera, em termos gerais, todas as componentes da vida e da morte destas primeiras sociedades camponesas, através da realização de intervenções arqueológicas num conjunto de monumentos seleccionados mas, também, através do estudo de espólios arqueológicos antigos.

Palavras-chave: Megalitismo funerário; Mora, Portugal

Abstract:

The work carried out in anta dos Pardais 4 (Cabeção, Mora), fall within the investigation that the signatory has developed about the funerary contexts in Alentejo since 1994 and aims to study the megalithic monuments on an integrated reading, which considers, generally speaking, all components of the life and death of these first peasant societies, by conducting archaeological work in a number of selected monuments but also through the study of ancient archaeological spoils.

Keywords: Megalithic funerary monuments; Mora; Portugal

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A intervenção realizada em 2014 na Anta dos Pardais 4 (Mora) insere-se nos objetivos gerais que a signatária tem vindo a desenvolver nos últimos 20 anos neste concelho, e que, de forma genérica, visa obter um conhecimento integrado das Primeiras Sociedades Camponesas da região Alentejo.

A Anta dos Pardais 4 é um monumento que se apresentava à partida bastante danificado, sobretudo na metade Norte, pelo que se pretendia obter alguma informação científica antes da sua eventual destruição uma vez que no decurso das últimas décadas se tem verificado o seu contínuo desmoronamento.

Os trabalhos de escavação incidiram apenas na área estrutural do monumento, uma vez que não existiam quaisquer indícios, à superfície, da sua estrutura pétreo exterior pelo que não existiu qualquer tipo de afetação das áreas envolventes, de modo a não interferir, também, com as culturas e/ou pastagens existentes.

Os trabalhos realizados tiveram o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal de Mora e o apoio técnico e científico da Universidade de Évora, através do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro e do Centro de Investigação CHAIA. Participaram nestes trabalhos alunos de Arqueologia da Universidade de Évora, no âmbito da sua formação prática.

1.1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO

O monumento megalítico funerário, de dimensões médias, atendendo às medidas do esteio de cabeceira, o único da câmara que não foi truncado, localiza-se no limite Oeste de um pequeno núcleo megalítico com cerca de duas dezenas de monumentos de diferentes dimensões e que engloba as antas dos Pardais, de Entreáguas, da Ordem (estas no atual concelho de Avis) e da Gonçalves, concentrados num círculo com cerca de 5 km (Fig.1). A sua proximidade e a sua implantação numa área de relevo suave e/ou mesmo aplanado, seria um fator essencial para destacar este conjunto na paisagem pré-histórica.

Arquitectura:

Câmara: apresenta originalmente com sete esteios, de planta poligonal. Da câmara conservam-se três esteios do lado Sul, o esteio de cabeceira e um esteio do lado Norte. O grau de destruição do lado Norte impediu a leitura das medidas do monumento, no entanto, atendendo à dimensão do esteio de cabeceira (1,90m) podemos supor que a mesma teria cerca de 2m de altura.

Corredor: conserva um esteio de cada lado, ambos inclinados.

Mamoas: a análise da área em torno do monumento evidenciava, desde logo, que a estrutura pétrea da mamoa havia sido completamente destruída pelos trabalhos de lavoura conjugados com a erosão natural, superficial.

Coordenadas GPS – WGS84:

- M= 583541; P= 4310960; ALT: 95m

2. Descrição dos objetivos, estratégia da intervenção e metodologia aplicada

Como se referiu anteriormente a escavação arqueológica teve como objectivo principal verificar a possível existência de níveis arqueológicos preservados e também de se obter uma planta deste monumento uma vez que a informação existente era, por um lado bastante omissa (Leisner e Leisner, 1959) e, por outro já desajustada da realidade (Rocha, 1999).

Por último, considerava-se ainda a hipótese de se poderem vir a recolher materiais arqueológicos que, eventualmente, pudessem ser objecto de datações radiométricas e/ou a recolha de materiais arqueológicos não orgânicos mas que pudessem vir a complementar os dados existentes de modo a consolidar as cronologias existentes para esta área.

A súmula de todos estes objectivos poderiam vir a permitir compreender melhor a estrutura original do monumento e a(s) suas fases de ocupação.

2.1. Estratégia da intervenção

Face às evidências do estado do monumento antes do início dos trabalhos, optou-se por marcar uma área de escavação de 4m x 7m, em torno do limite da estrutura do monumento, alinhada no sentido Este/Oeste. Apesar de se encontrar numa área limpa de vegetação (Fig. 2) os geodésicos existentes nas imediações encontram-se encobertos por vegetação de grande porte pelo que não nos foi possível obter uma triangulação para ligação à rede geodésica nacional. As coordenadas indicadas foram retiradas no centro da câmara.

Tomou-se como ponto 0 o sítio que nos pareceu ser o mais seguro na área, a grande tampa que se encontra tombada, na horizontal, no lado Norte do monumento.

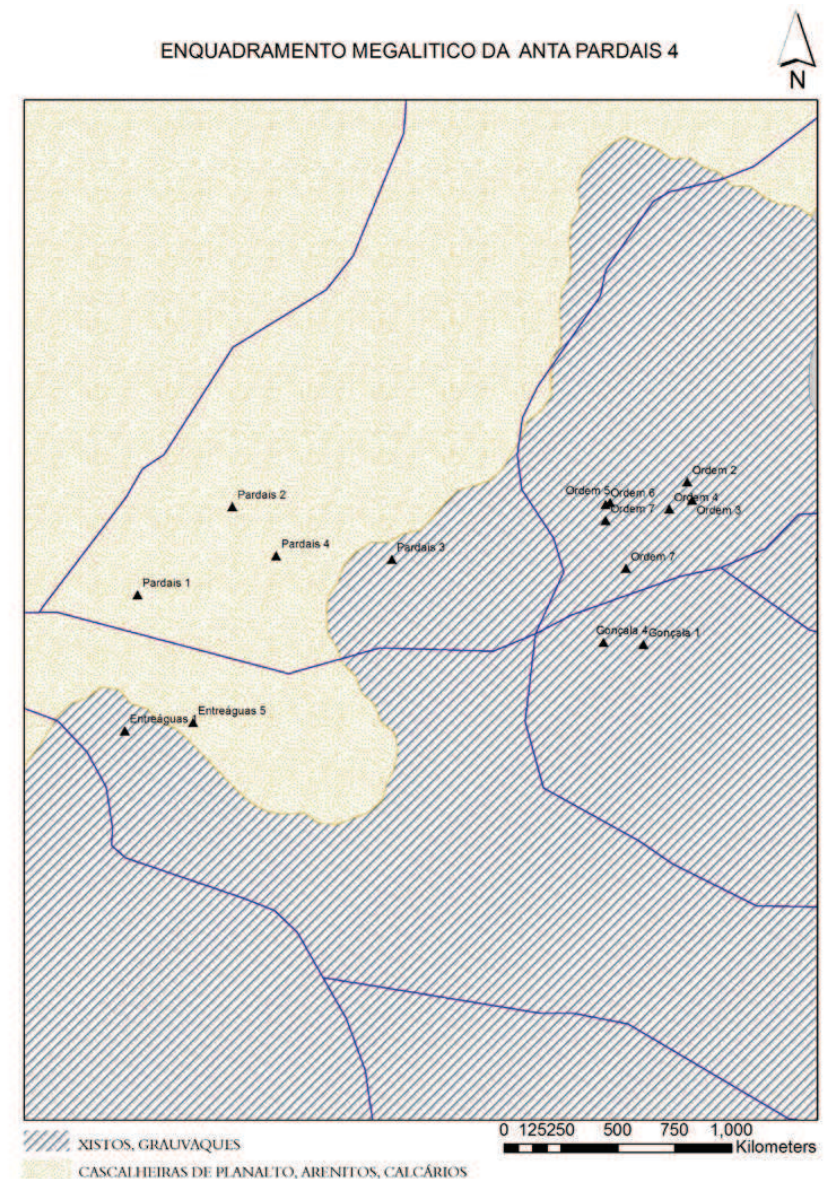


FIG. 1 – Enquadramento arqueológico da Anta dos Pardais 4



FIG. 2 – Vista geral do monumento

2.2. Metodologia de escavação

Os trabalhos arqueológicos de escavação e registo seguiram, sempre que possível, os pressupostos metodológicos propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991), onde se preconiza a remoção dos depósitos por níveis naturais, seguindo a sequência oposta à sua formação, com registo gráfico e fotográfico de todas as unidades identificadas, bem como o registo de artefactos de acordo com as unidades estratigráficas que os contêm.

Os sedimentos removidos foram integralmente crivados.

Foram realizadas fotografias e desenhos (plantas) de todas as unidades estratigráficas identificadas. Não se realizaram cortes uma vez que a potência estratigráfica encontrada nesta intervenção não o justificava – a área intervencionada estava maioritariamente delimitada pelos esteios da câmara e corredor.

No início dos trabalhos foi necessário proceder à limpeza superficial da área de forma a remover o pasto rasteiro existente. Numa primeira leitura do monumento foi desde logo evidente que se encontrava mais destruído que nos finais do séc. XX (1994-95) altura em que foi inventariado no âmbito da tese de mestrado da signatária (Rocha, 1997, 1999). Atualmente possui 3 esteios do lado Sul da câmara *in situ*, mas tombados para trás e, do lado Norte, existem 3 esteios também *in situ*, mas inclinados para dentro. No lado Sul do monumento, encontram-se 5 esteios/tampas caídos.

3. Descrição dos trabalhos realizados

A escavação iniciou-se na área interna do monumento, com a decapagem da unidade superficial [0] que apresentava terras muito compactas, de diferentes tonalidades. Apresenta restos de plásticos, por vezes associados a um sedimento branco (cal?), fragmentos de cerâmica de roda contemporâneos, um seixo talhado e um fragmento de machado, no exterior, junto a um dos esteios da câmara (4º Sul). Pela sua posição deveria estar inserido no alvéolo deste esteio. Sob esta unidade, foram identificadas as unidades [1], [2] e [3].

Sensivelmente na área de passagem da câmara para o corredor foi identificada uma mancha, ovalada, constituída por cinzas [1] onde se encontrou um fragmento de um objeto metálico (talher?) – (Fig. 3). Escavada verificou-se que apresentava escassa potência (lado mais profundo, a Norte, com cerca de 4cm). Assentava sobre a [2].



FIG. 3 – Pormenor da U.E. 1

A escavação da [2] permitiu verificar que se trata de uma unidade de formação recente uma vez que apresentava cerâmicas de roda contemporâneas associadas a restos de plásticos.

Junto aos esteios do monumento foram identificados restos dos alvéolos, mais ou menos preservados [3], [4], [5], [7], [8] e [9]. (Fig. 4)

A [6] apresentava-se mais argilosa, muito compacta, com alguma plasticidade, de tonalidade amarelada e estende-se por todo o interior do monumento constituindo a base do mesmo.

No final dos trabalhos, toda a área intervencionada foi protegida com manta geotextil, coberta com terras e pedras provenientes da escavação (Fig. 5)

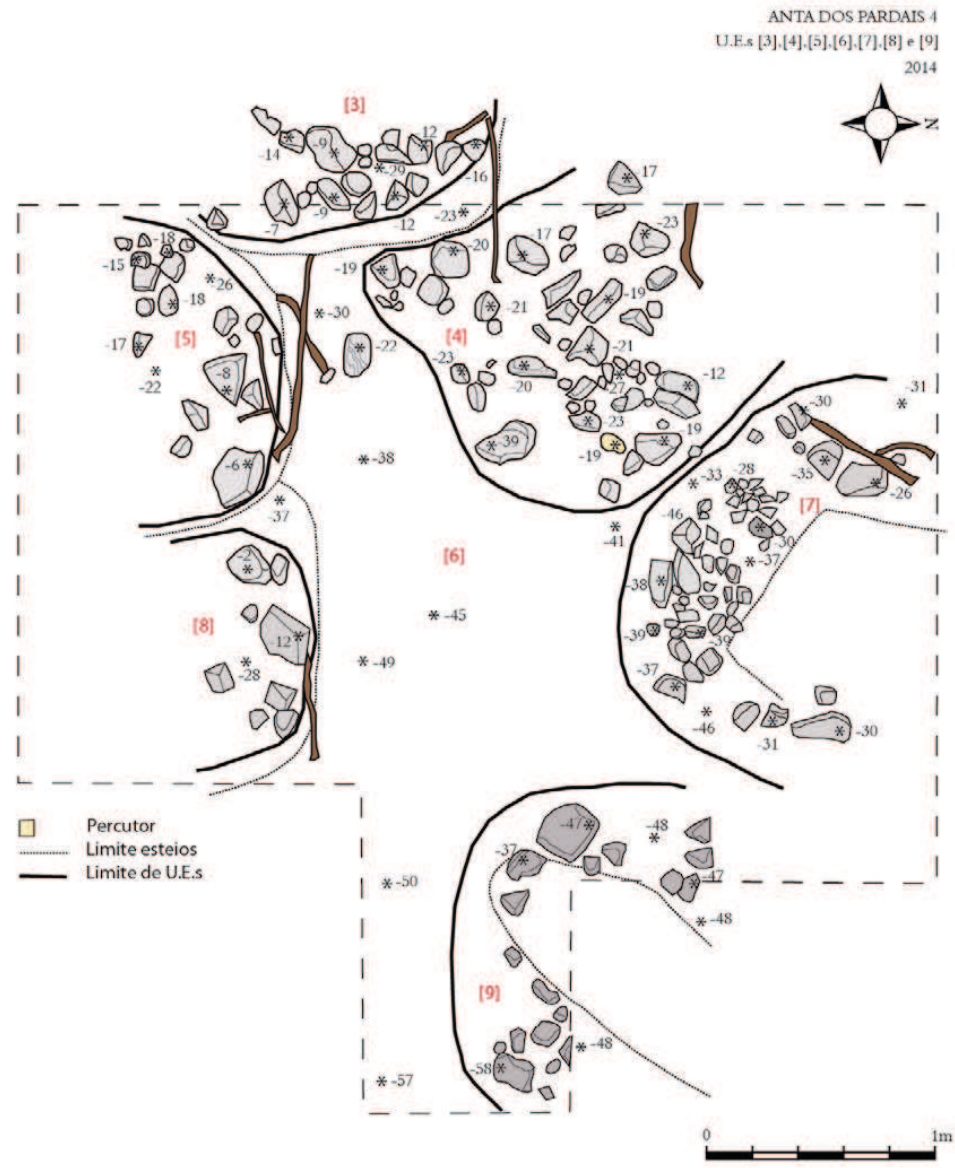


FIG. 4 – Planta com os alvéolos identificados



FIG. 5 – Trabalhos de conservação finais

3.1. Unidades estratigráficas

[0] – Camada de terra superficial constituída maioritariamente por raízes, folhas secas e pasto. No interior da câmara apresenta-se muito compacta, com diferentes tonalidades – variando entre o esbranquiçado e o castanho acinzentado. Apresentava restos de plásticos, por vezes associados a um sedimento branco (cal?), fragmentos de cerâmica de roda contemporâneos, um seixo talhado e um fragmento de machado, no exterior, junto a um dos esteios da câmara (4º Sul). Pela sua posição deveria estar inserido no alvéolo deste esteio.

[1] – Mancha ovalada que se define na área de transição câmara/ corredor, constituída por cinzas e terras mais soltas. No seu interior foi identificado um fragmento de objeto metálico (talher?). Escavada verificou-se que apresentava escassa potência estratigráfica, sendo a sua espessura maior no lado Norte, com cerca de 4cm de profundidade.

[2] – Camada de terras acastanhadas, misturada com pedra miúda e raízes da azinheira. De compacticidade variável.

[3] – Conjunto de pedras de média dimensão que se encostavam ao esteio de cabeceira. Correspondem às pedras do alvéolo do esteio de cabeceira que foram projetadas para a superfície com o movimento de inclinação do mesmo para o exterior.

[4] – Conjunto de pedras de média dimensão que se encontravam junto ao esteio caído na câmara, do lado Norte. Correspondem às pedras do alvéolo do mesmo.

[5] – Conjunto de pedras de média dimensão que se encontravam junto ao esteio caído na câmara, do lado Sul. Correspondem às pedras do alvéolo. Encontrou-se uma pequena lasca de sílex entre as pedras.

[6] – Camada de terra arenosa, muito compacta e argilosa (agarrava-se aos instrumentos) que se estende por todo o interior do monumento e corresponde à sua base. Sem espólio.

[7] – Conjunto de pedras de média dimensão que se encontravam junto ao esteio caído na câmara, do lado Sul. Correspondem às pedras do alvéolo do mesmo.

[8] – Conjunto de pedras de média dimensão que se encontravam junto ao esteio caído na câmara, do lado Sul. Correspondem às pedras do alvéolo do mesmo.

[9] – Conjunto de pedras de pequena e média dimensão que se encontram junto ao esteio caído no corredor, do lado Norte. Correspondem às pedras do alvéolo do mesmo.

3.2. Medidas dos esteios/ tampas

Todos os elementos constituintes do monumento são de granito.

Nº 1 – Esteio do corredor, lado Sul. Inclinado para o interior.
Comprimento: 0,98m; largura: 0,78m; espessura: 0,43m.

Nº 2 – Esteio/tampa que se encontra amputado na área do 1º esteio da câmara, lado Sul.
Comprimento: 1,40m; largura: 0,95m; espessura: 0,39m.

Nº 3 – Esteio da câmara, lado Sul. Inclinado para o interior. Amputado no topo.
Comprimento: 1,06m; largura: 1,08m; espessura: 0,60m.

Nº 4 – Esteio da câmara, lado Sul. Inclinado para o interior. Amputado no topo.
Comprimento: 0,62m; largura: 0,81m; espessura: 0,50m.

Nº 5 – Esteio de cabeceira. Inclinado para o exterior devido à pressão de uma azinheira. Possui uma covinha profunda, associada a um sulco, que se estende até ao limite do esteio. No centro parece existir outro motivo que não se consegue visualizar com clareza – terá de se proceder a fotografia noturna, com luz rasante.
Comprimento: 1,90m; largura: 1,13m; espessura: 0,32m.

Nº 6 – Esteio da câmara, lado Norte. Em falta.

Nº 7 – Esteio da câmara, lado Norte. Em falta. No local encontra-se tombada uma grande laje, com 3 entalhes (tentativa de fractura). Poderá tratar-se do esteio, removido.
Comprimento: 1,81m; largura: 0,98m; espessura: 0,30m.

Nº 8 – Esteio da câmara, lado Sul. Muito inclinado para o exterior, mas com a base *in situ*.

Comprimento: 1,40m; largura: 0,81m; espessura: 0,21m.

Nº 9 – Esteio da câmara, lado Norte. Em falta. No local encontra-se um bloco de granito, completamente solto.

Comprimento: 0,84m; largura: 0,69m; espessura: 0,39m.

Nº 10 – Esteio do corredor, lado Norte. Inclinado para o exterior. Apresenta decoração – círculos obtidos pela técnica de percussão (Fig. 6).

Comprimento: 1,59m; largura: 0,62m; espessura: 0,36m.

Do lado Norte do monumento, sobre a mamoa mas junto aos esteios, encontram-se ainda mais dois blocos de granito:

- Bloco de granito de função indeterminada (fragmento de esteio/ tampa?). Granito de grão grosseiro.

Comprimento: 1,08m; largura: 0,81m; espessura: 0,21m.

- Tampa. Apresenta decoração, obtida por percussão, num dos lados. Parece tratar-se de círculos (Fig. 7).

Comprimento: 2,73m; largura: 1,18m; espessura: 0,36m.

4. Resultados e contextualização do monumento

A anta dos Pardais 4 enquadra-se, pela sua tipologia e dimensão no que poderemos considerar de Neolítico final. O espólio de cronologia pré-histórica, recolhido nesta intervenção é residual e, pelas suas características, aparenta tratar-se de instrumentos de trabalho utilizados na construção do monumento e não de espólio votivo. Como se referiu anteriormente, trata-se de um seixo talhado, com vestígios de uso, um fragmento de machado, muito degradado pelo uso (no exterior) e uma pequena lasca de sílex.

Identificaram-se ainda, nas unidades superficiais, fragmentos de cerâmica de cronologias recentes (contemporânea), misturados com plásticos e um fragmento de instrumento de metal (talher?).

Da análise dos dados coligidos neste monumento destaca-se, em primeiro lugar, a ausência total de espólio no seu interior e, em segundo lugar, a presença de esteios gravados que vão para além das tradicionais «covichas».

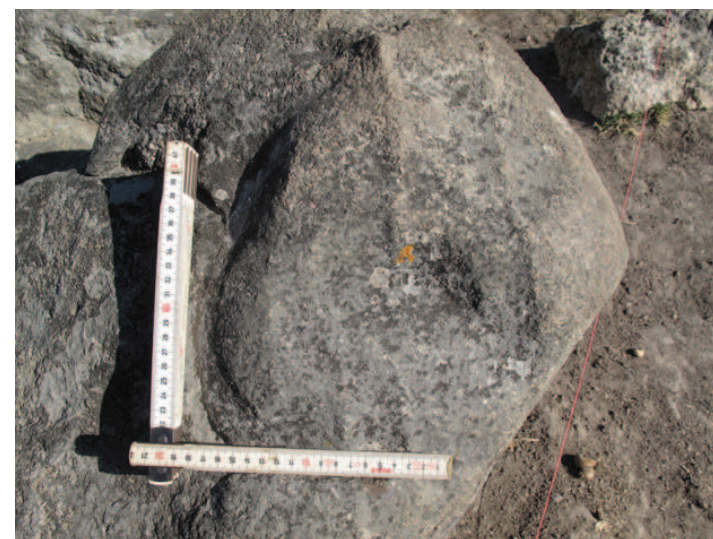


FIG. 6 – Esteio 10 – corredor. Pormenor do círculo gravado.

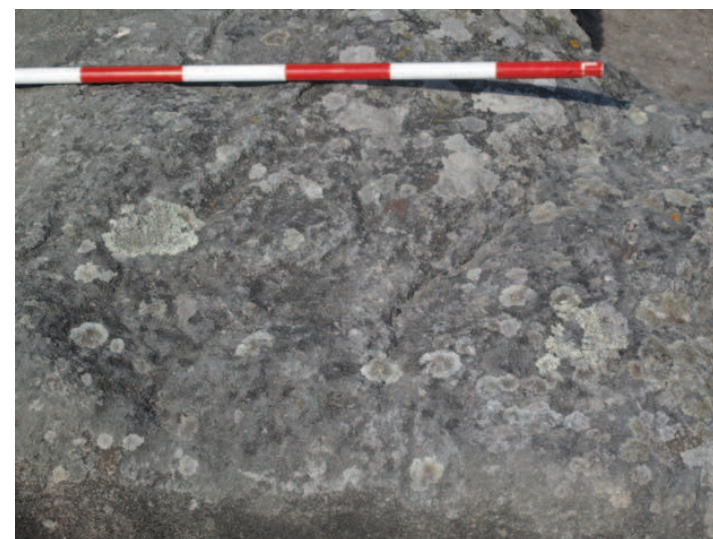


FIG. 7 – Tampa (?). Pormenor do círculo gravado.

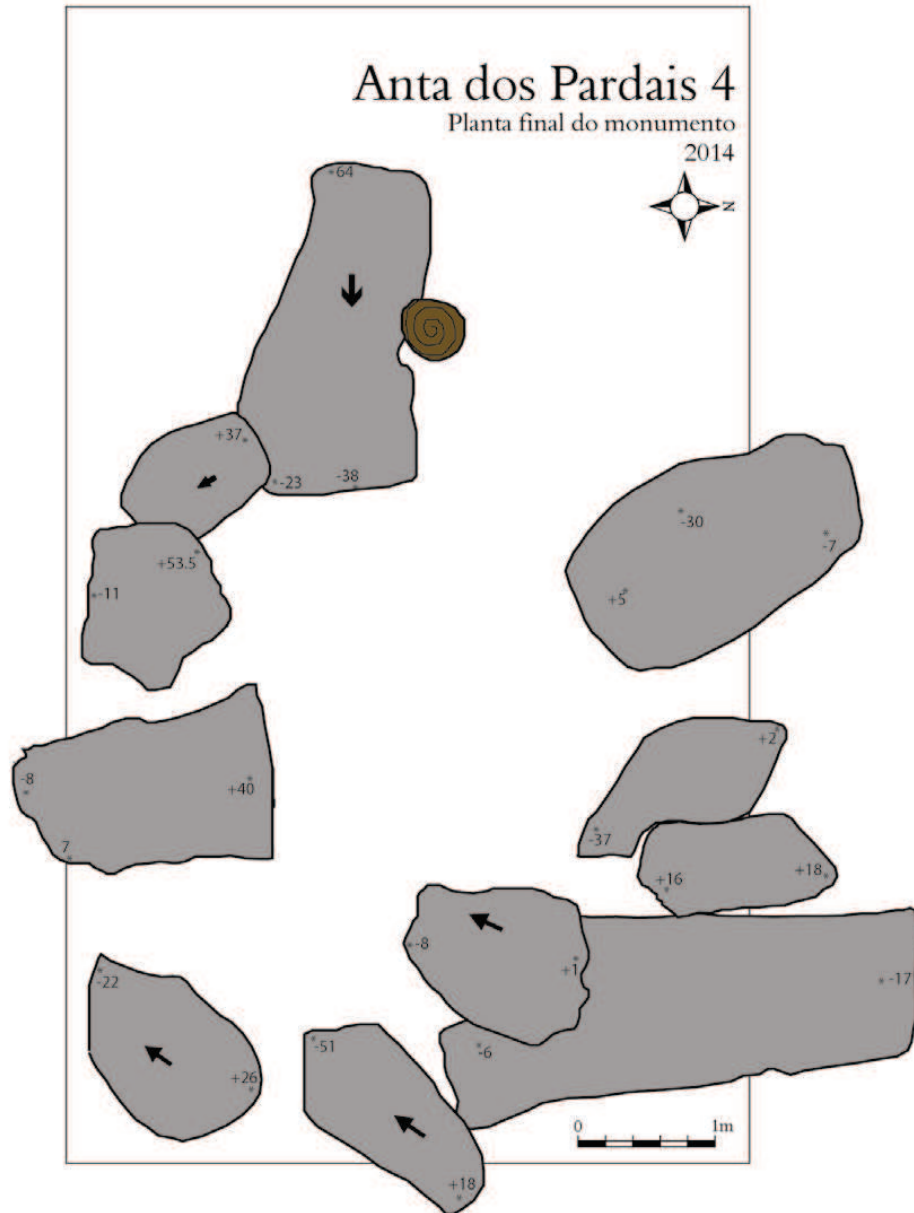


FIG. 8 – Planta final do monumento

No que diz respeito à ausência de espólio três leituras parecem possíveis: 1) implica que existiu uma violação, pouco habitual no megalitismo regional, em que os violadores procederam à recolha integral de todo o espólio – por norma, os clássicos caçadores de tesouros deixam passar as peças de dimensões diminutas ou as peças que se fragmentam no processo de abertura do monumento; 2) o monumento nunca chegou a ser utilizado como espaço sepulcral. Esta situação, apesar de pouco habitual (ou estar mal documentada/observada), já foi notada por Jorge de Oliveira em monumentos do Norte Alentejano (Oliveira, 1998); 3) a relação entre a ausência de espólio e o estado de conservação do monumento, todos os esteios (à excepção do de cabeceira) se apresentarem tombados/inclinados para Norte pode ainda dever-se a uma derrocada do monumento (origem sísmica (?)) que teria inutilizado o espaço pouco tempo após a sua construção (Fig. 8), ou ainda no decurso da mesma.

Por último, este monumento revelou ainda outro dado inesperado: para além do monumento funerário semi-destruído, cuja tentativa de reabilitação justificou a intervenção, foram identificados dois esteios com decoração, que deverão ser estudados com métodos mais apropriados e cujos resultados pretendemos vir a apresentar brevemente.

5. Bibliografia

CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria 27).

LEISNER, G; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.

OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.

OLIVEIRA, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agro-pastoris*. Évora: Edições Colibri e Universidade de Évora.

ROCHA, L. (1999a) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, L. (1999b) – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 2. Nº 1. Lisboa: IPA, p. 71-94.

ROCHA, L. (1999c) – O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. *II Congrès del Neolític a la Península Ibérica*. Valencia, p. 604-622.

ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.

ROCHA, L. (2009) – *Catálogo. O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, p. 66.

